

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO COTIDIANO DAS 1.^{as} SÉRIES DO 1.º GRAU

MARIA DAS GRAÇAS DE CASTRO
SENNA

São Paulo, Loyola, 1985. 91p.

O orientador educacional é necessário na escola hoje?

O movimento da crítica a que vem sendo submetida a profissão de orientador educacional no Brasil possibilitou chegar-se hoje a esta indagação.

Esta crítica, desencadeada no final da década de 70, embora recente, pode ser organizada em três momentos:

- O primeiro momento, caracterizado por pesquisas na área de orientação profissional, colocou em evidência a ineficácia desta orientação à medida que, baseada nas teorias psicológicas da escolha profissional, não se apercebia da presença dos fatores sócio-econômicos como determinantes dessa escolha — evidenciou-se, então, a função ideológica da orientação profissional que “ao usar técnicas advindas da psicologia, acentua a ênfase no indivíduo, criando neste a impressão de que é ele quem decide; com isto facilita-se o seu ajustamento à estrutura ocupacional. Imbuído da “certeza” de que escolheu,

o indivíduo tem maiores chances de vir a ser mais produtivo (...). Desta forma, distribuem-se os indivíduos nas diferentes ocupações, conforme os interesses da classe dominante e não conforme os interesses, habilidades e aptidões, como então se acreditava”¹.

- O segundo momento da crítica será decorrente do primeiro que, ao evidenciar a insuficiência da orientação profissional, coloca em questão a tarefa que os orientadores educacionais realizavam com mais frequência na escola. Com isso surgem pesquisas preocupadas com as funções do orientador. Estas demonstram o distanciamento entre as funções do orientador educacional, definidas na legislação, e aquelas que exercia na prática.

A realidade da escola é adversa às funções legalmente definidas, ficando os orientadores atônitos por não conseguirem praticar aquilo que aprenderam. E o que aprenderam, em geral, é um modelo estrangeiro de orientação educacional, baseado num sistema de organização escolar inexistente entre nós, funcionando com uma equipe de técnicos, dentre os quais o orientador trabalha diretamente com os alunos adolescentes e assessora os professores na sua relação com aqueles.

Tais pesquisas demonstram, ainda, a rejeição dos professores ao trabalho do e com o orientador. E a saída que propõem é a redefinição de funções para o orientador. Porém, esta insiste na formulação de uma orientação ideal, que não responde às necessidades concretas da escola, porque não partem da análise desta.

- O terceiro momento da crítica insere-se no movimento que vem

colocando em questão a necessidade de profissionais da educação não-docentes na escola, e dentre eles, o orientador educacional. Este momento é marcado pelas discussões que se desencadearam em torno da reformulação dos cursos de pedagogia, posteriormente denominado de formação de recursos humanos para a educação, envolvendo a formação do professor, dos especialistas, do pedagogo, da organização da escola.

Estes três momentos estão apresentados em separado apenas como um esforço didático para a compreensão precisa da crítica à orientação educacional. Embora se possa reconhecer que a ordem em que foram apresentados reflete a ordem em que cada um surgiu (ou mais fortemente se evidenciou), é preciso acentuar que os três se imbricam e, sobretudo, que não estão acabados, mas sim em processo.

O trabalho de MARIA DAS GRAÇAS DE CASTRO SENNA inaugura um quarto momento — qualitativamente diferente dos anteriores, à medida que os supera, por incorporação. Isto é, Castro Senna parte das críticas, aceita-as, amplia-as e propõe uma saída, afirmando a necessidade de um orientador educacional que contribua para tornar a escola pública melhor do que é.

E nisto reside a grande contribuição de seu trabalho.

Proposto inicialmente como uma pesquisa sobre a “Atuação dos Orientadores Educacionais nas séries iniciais do 1.º grau”, através de um convênio entre o INEP/FUNDEP-1983, o que ora a autora nos apresenta é a síntese dos dados coletados e de sua experiência enquanto professora de Orientação Educacional, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Este trabalho constitui uma proposta que recoloca a contribuição que o orientador educacional pode dar, para tornar democrática a escola pública que aí está.

Tornar democrática a escola hoje significa transformar os seus mecanismos internos, no sentido de possibilitar a en-

¹ PIMENTA, Selma G. *Orientação Vocacional e Decisão*. 4 ed. São Paulo, Loyola, 1984.

trada, a permanência e a aprendizagem qualitativamente boa de cada vez maiores parcelas de crianças das camadas populares.

A proposta que **MARIA DAS GRAÇAS DE CASTRO SENNA** faz foi sendo engendrada a partir do cotidiano de uma escola pública da periferia de Belo Horizonte, onde ela atuou como pesquisadora-participante durante dois anos.

Dado que os maiores entraves para a democratização da escola hoje se evidenciam logo nas séries iniciais do 1.º grau, a proposta de atuação do orientador educacional será justamente com essas séries: com os alunos, com os professores, com os pais, com a direção, com a supervisão.

Por ter partido da convicção de que a escola é necessária para as camadas populares, enquanto instância socializadora do conhecimento, a contribuição do orientador será no sentido de garantir, juntamente com a equipe da escola, enquanto prática humano-coletiva, a apreensão dos conhecimentos por parte de todas as crianças.

Nessa empreitada, Castro Senna recupera, em novas bases, o fazer pedagógico do orientador educacional. O que o desafia a aprender.

Este trabalho de **MARIA DAS GRAÇAS DE CASTRO SENNA** foi apresentado como dissertação de Mestrado na Faculdade de Educação da UFMG, e está organizado em quatro capítulos. No primeiro, a autora analisa as diferentes abordagens da Orientação Educacional: clínica terapêutica, clínica preventiva e a crítica. No segundo capítulo, ela apresenta as principais informações e dados coletados em pesquisa participativa realizada em uma escola de 1.º grau da periferia de Belo Horizonte, e analisa a metodologia utilizada.

No terceiro capítulo, é discutida a divisão e hierarquização do trabalho na escola, e a possibilidade do resgate da Orientação Educacional numa perspectiva pedagógica. O quarto capítulo apresenta os fatores que interferem no fracasso escolar (estado de saúde das crianças, jornada de trabalho das mães e organização da escola) e sua relação com a Orientação Educacional.

O livro constitui leitura fundamental para os profissionais docentes e não-docentes, e para todos aqueles que estejam preocupados com a formação dos profissionais da educação.

Selma Garrido Pimenta – PUC/SP

Léa Pinheiro Paixão – FAE/UFMG

A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE

Recomendamos, particularmente aos profissionais das áreas de Psicologia, Educação e Letras, a leitura desta coletânea de ensaios de Vygotsky, introduzida há um ano no meio editorial brasileiro.

Vygotsky é um autor muito pouco divulgado entre nós, o que é lamentável. Apesar de tratar-se de um cientista cuja produção foi interrompida em 1974, por sua morte prematura, as contribuições que sua obra encerra são de um valor inestimável. Um retorno a Vygotsky implica, no mínimo, resgatar a possibilidade de construção de uma Psicologia que, sem abandonar a perspectiva da análise da consciência, tenha o vigor e a objetividade necessários à pesquisa científica e consequente.

É essa dimensão do trabalho de Vygotsky que “A formação social da mente” deixa clara. O livro consta de duas partes. A primeira, agrupando cinco ensaios, tem, como título, “Teoria básica e dados experimentais”. A segunda reúne três escritos, em que a percepção do autor está voltada para as implicações educacionais de algumas de suas investigações.

O prefácio é dos quatro organizadores da obra: Vera John-Steiner e Ellen Souberman, professoras da University of New Mexico e Michael Cole e Sylvia Scribner, da Rockefeller University. Os referidos professores salientam, nesse prefácio, que foi por sugestão de Alexander Luria – renomado psicólogo soviético, ex-aluno e colaborador de Vygotsky – que eles assumiram a incumbência de “editar uma coletânea de ensaios de Vygotsky que representasse toda a sua produção teórica geral”. Afirmando, ainda, que o livro reúne obras esparsas e que nelas foram enxertados dados obtidos em fontes adicionais, com o propósito de tornar a leitura mais compreensível. Finalizam o prefácio, justificando sua contribuição específica que, no livro,

LEV S. VYGOTSKY

São Paulo, Martins Fontes, 1984.

168 p.